**Escola Secundária Dr. Manuel Fernandes**

**Teste de Avaliação nº 2 – VERSÃO I**

**PortuguÊs – 12º Ano**

**2017/2018**

**GRUPO I – 120 pontos**

A

* Leia o texto seguinte.

|  |  |
| --- | --- |
| 5  10  15  20 | **Acho tão natural que não se pense**  Acho tão natural que não se pense  Que me ponho a rir às vezes, sozinho,  Não sei bem de quê, mas é de qualquer coisa  Que tem que ver com haver gente que pensa…  Que pensará o meu muro da minha sombra?  Pergunto-me às vezes isto até dar por mim  A perguntar-me coisas…  E então desagrado-me, e incomodo-me  Como se desse por mim com um pé dormente…  Que pensará isto de aquilo?  Nada pensa nada.  Terá a terra consciência das pedras e plantas que tem?  Se ela a tiver, que a tenha…  Que me importa isso a mim?  Se eu pensasse nessas coisas,  Deixaria de ver as árvores e as plantas  E deixava de ver a Terra,  Para ver só os meus pensamentos…  Entristecia e ficava às escuras.  E assim, sem pensar, tenho a Terra e o Céu.  António Quadros (org), *Obra completa de Fernando Pessoa,*  *Poemas de Alberto Caeiro*, Lisboa, Europa-América, s/d, p. 120 |

* Apresente, de forma clara e bem estruturada, as suas respostas aos itens que se seguem.

1. Explicite as características do «eu» presentes na primeira estrofe. *(20 pontos)*

O «eu» caracteriza-se como alguém que considera o ato de não pensar como o seu traço fundamental; que se distancia da «gente que pensa»; que acha tão absurdo «haver gente que pensa», que se põe a rir sozinho.

1. Justifique o incómodo do poeta expresso na segunda estrofe. *(20 pontos)*

O poeta sente-se incomodado quando se apercebe que, por vezes, quase de forma involuntária, está a pensar, está a “perguntar-me coisas…”. Isto é, faz o mesmo que a “gente que pensa…” e da qual ri. Mas o equilíbrio e a serenidade rápida e naturalmente são adquiridos, pelo que, já na terceira estrofe o poeta refere “Que pensará isto de aquilo?/Nada pensa nada.”.

1. Explique o significado do verso «Que me importa isso a mim?» (v.14), no contexto em que aparece. *(20 pontos)*

Esta frase interrogativa, que fecha o discurso do «eu» sobre a hipótese inverificável de as coisas terem pensamento, afasta o sujeito poético deste tipo de questão. Depois de manifestar a sua indiferença perante a eventualidade de a Terra pensar, o sujeito poético, através desta interrogação, acha desnecessário continuar com interrogações – à imagem da própria natureza.

1. Comente o sentido do verso «E assim, sem pensar, tenho a Terra e o Céu.» (v.20), enquanto conclusão do texto. *(20 pontos)*

Este verso aparece como conclusão da argumentação iniciada no verso 15, sobre o que o sujeito poético perderia se pensasse, e o que ganha não pensando. Assim, se pensasse deixaria de ver a realidade para ver apenas os seus pensamentos, que se interporiam entre ele e «as árvores», «as plantas» e a «Terra» deixando-o «às escuras». Não pensando, pelo contrário, nada se interpõe entre o seu olhar e a realidade tal como ela é, despida de olhares subjetivos. Em resumo, não pensar é restituir ao olhar a capacidade de ver o mundo na sua plenitude, é sentir-se dono da «Terra» e do «Céu».

B

* Leia seguinte excerto de *Frei Luís de Sousa*.

**Cena XI**

*MANUEL DE SOUSA, MIRANDA* e os outros criados

*MANUEL* – Meu pai morreu desastrosamente caindo sobre a sua própria espada: quem sabe se eu morrerei nas chamas ateadas por minhas mãos? Seja. Mas fique-se aprendendo em Portugal como um homem de honra e coração, por mais poderosa que seja a tirania, sempre lhe pode resistir, em perdendo o amor a coisas tão vis e precárias como são esses haveres que duas faíscas destroem num momento… como é esta vida miserável que um sopro pode apagar em menos tempo ainda! (*Arrebata duas tochas das mãos dos criados, corre à porta da esquerda, atira com uma para dentro; e vê-se atear logo uma labareda imensa. Vai ao fundo, atira a outra tocha e sucede o mesmo. Ouve-se alarido de fora*.)

**Cena XII**

*MANUEL DE SOUSA* e criados, *MADALENA*, *MARIA*, *JORGE* e *TELMO* (*acudindo*)

*MADALENA* – Que fazes?...que fizeste? Que é isto, oh! Meu Deus!

*MANUEL* (*tranquilamente*) – Ilumino a minha casa para receber os muitos poderosos e excelentes senhores governadores destes reinos. Suas excelências podem vir, quando quiserem.

Luís Amaro de Oliveira, *Frei Luís de Sousa* de Almeida Garrett, Porto, Porto Editora, s/d, pp. 81-82

1. Caracterize Manuel de Sousa a partir das suas palavras, tendo em consideração o contexto. *(20 pontos)*

Trata-se de um homem que preza os valores da liberdade e da resistência à tirania («por mais poderosa que seja a tirania, sempre lhe pode resistir»), que despreza a os bens materiais pelo que têm de efémero e de precário («coisas tão vis e precárias como são esses haveres que duas faíscas destroem num momento») e que tem consciência da efemeridade da vida («esta vida miserável que um sopro pode apagar»). São estas características que o levam a por tudo em causa e incendiar a sua casa para não sofrer a afronta de receber os governadores.

1. Identifique o recurso expressivo presente na segunda fala de Manuel, mostrando a sua expressividade. *(20 pontos)*

Toda a segunda fala de Manuel é percorrida pela ironia, especialmente visível no verbo iluminar, cuja utilização acentua o desprezo que a personagem nutre pelos governadores ao incendiar (e, portanto, destruir) a sua casa. Na realidade, o que a personagem diz é o oposto do que quer dizer.

GRUPO II – 80 pontos

* Leia o texto seguinte.

|  |  |
| --- | --- |
| 5  10  15  20  25  30  35 | O salazarismo posicionou-se, face ao fenómeno do analfabetismo, prometendo dar-lhe «enérgico e eficiente combate». Para tanto propunha-se eliminar «um estéril enciclopedismo racionalista, fatal para a saúde moral e física da criança», e substituí-lo pelo «ideal prático e cristão de ensinar bem a ler, escrever e contar e exercer as virtudes morais e um vivo amor a Portugal». Para tanto reduziu-se o tempo de escolaridade de cinco para três anos e em 1931 são criados os postos de ensino, convertidos em 1936 em postos escolares. Estes são apresentados, logo no início, como instrumentos destinados a diminuir o número de iletrados, isto é, a resolver o chamado «problema do analfabetismo». O posto escolar «será a escola aconchegada da terra pequenina onde outra maior se tornaria desproporcionada, ao mesmo tempo que, pelo desperdício, inimiga da restante terra portuguesa».  Em 1952, vinte anos após as primeiras medidas para a redução do analfabetismo, o governo de Salazar congratula-se com os resultados obtidos na evolução da taxa do analfabetismo das crianças entre os 7 e os 11 anos de idade: 79% em 1911, 73% em 1930, 46% em 1940 e 20% em 1950. Registava, porém, que acima dos 7 anos de idade havia ainda em 1950 quase três milhões de analfabetos (40,4% da população), depois de recenseados 3,5 milhões em 1930 (61,8% da população).  Apesar das ações tendentes à efetivação da frequência do ensino primário, iniciadas em 1835 com Rodrigo da Fonseca, continuadas em 1836 com Passos Manuel, em 1844 com Costa Cabral, em 1878 com Rodrigues Sampaio, em 1911 com a República, em 1931 com Cordeiro Ramos e em 1936 com Carneiro Pacheco, em 1950 Portugal era um país com uma elevadíssima taxa de analfabetismo. Nos meados do século XX encontrávamo-nos em situação bem mais desfavorável do que a dos países da Europa do Norte em meados do século XIX. Neste domínio contávamos mais de um século de atraso em relação à Europa mais evoluída.  Este panorama, no ambiente gerado pelo fim da segunda guerra, impõe que algo se faça. Por isso, em 1952 é lançada, a campanha nacional de educação de adultos, que permite que o número global de alunos inscritos no ensino primário se eleve de cerca de 670 mil, em 1951-1952 para perto de 1070 mil em 1955-1956 (mais 400 mil alunos, correspondendo a um acréscimo de quase 60%). O número de crianças é de mais 168 mil e o de adultos mais 230 mil. Ainda que sublinhe o sentido positivo da evolução, o governo entende que os resultados obtidos no combate ao analfabetismo não podem ter-se «como tarefa temporária, mas ação constante, que só atingirá a plenitude dos seus objetivos quando conduzida com continuidade e persistência».  Em todo o caso, e apesar dos sessenta anos decorridos entre a reforma de Cordeiro Ramos e o censo de 1991, Portugal ainda regista mais de 11% de analfabetos.  Medina Carreira, *O Estado e a educação*, Cadernos do Público, n.º7, s/d, pp. 12-13 |

* Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta.

1. Para combater o analfabetismo, o salazarismo propunha-se *(7 pontos)*
2. criar novas escolas diferentes dos postos escolares.
3. aumentar o número de anos de escolaridade.
4. defender um ensino baseado no enciclopedismo racionalista.
5. promover um ensino onde se aprendesse a ler, escrever e contar.
6. Depois de vinte anos de combate ao analfabetismo pode-se afirmar que ele *(7 pontos)*
7. diminuiu acentuadamente entre as crianças de 7 a 11 anos.
8. diminuiu ligeiramente entre as crianças de 7 a 11 anos.
9. aumentou ligeiramente em toda a população a partir dos 7 anos.
10. aumentou acentuadamente entre as crianças de 7 a 11 anos.
11. O sujeito da oração «reduziu-se o tempo de escolaridade» (l.5) é *(7 pontos)*
12. nulo inexistente.
13. nulo indeterminado.
14. nulo subentendido.
15. simples.
16. O pronome indefinido «outra» presente em «O posto escolar «será a escola aconchegada da terra pequenina onde outra maior se tornaria desproporcionada, …» (ll.8-9) é um exemplo de *(7 pontos)*
17. coesão referencial.
18. coesão temporal.
19. coesão frásica.
20. coesão lexical.
21. Na expressão «ações tendentes à efetivação da frequência do ensino primário» (l.17),   
    o adjetivo «tendentes» pode ser substituído pelo sinónimo *(7 pontos)*
22. frequentes.
23. conducentes.
24. pertinentes.
25. condizentes.
26. O uso de parênteses nas linhas 28 e 29 justifica-se pela introdução de uma *(7 pontos)*
27. enumeração.
28. conclusão.
29. explicação.
30. transcrição.
31. O uso dos conetores «porém» (l. 14), e «por isso» (ll. 24-25) introduzem, respetivamente, ideias de *(7 pontos)*
32. contraste e consequência.
33. oposição e conclusão.
34. oposição e explicação.
35. adversidade e causa.

* Responda, de forma correta, aos itens apresentados.

1. Identifique o antecedente do pronome pessoal presente na frase «e substituí-lo pelo «ideal prático e cristão de ensinar bem a ler» (ll.3-4). *(7 pontos)*

«um estéril enciclopedismo racionalista» (ll. 2-3)

1. Classifique os deíticos sublinhados: «Estes são apresentados, logo no início, como instrumentos destinados a diminuir o número de iletrados…» (ll.6-8). *(6 pontos)*

Estes: deítico espacial; Logo no início: deítico temporal

1. Identifique a função sintática desempenhada pela oração subordinada presente na frase «Este panorama, no ambiente gerado pelo fim da segunda guerra, impõe que algo se faça» (ll.25-26). *(6 pontos)*

Complemento direto

1. Classifique a oração iniciada por «Ainda que» na frase «Ainda que sublinhe o sentido positivo da evolução» (l.30). *(6 pontos)*

Oração subordinada adverbial concessiva

1. Classifique a oração iniciada por «que» na frase «que só atingirá a plenitude dos seus objetivos quando conduzida com continuidade e persistência» (ll.32-33). *(6 pontos)*

Oração subordinada adjetiva relativa explicativa

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
|  | **VERSÃO I** | **VERSÃO II** |
| **1** | D | B |
| **2** | A | C |
| **3** | B | D |
| **4** | A | B |
| **5** | B | C |
| **6** | C | D |
| **7** | B | A |
| **8** | «um estéril enciclopedismo racionalista» | Oração subordinada adjetiva relativa explicativa |
| **9** | Estes: deítico espacial; Logo no início: deítico temporal | Oração subordinada adverbial concessiva |
| **10** | Complemento direto | Complemento direto |
| **11** | Oração subordinada adverbial concessiva | «um estéril enciclopedismo racionalista» |
| **12** | Oração subordinada adjetiva relativa explicativa | Estes: deítico espacial; Logo no início: deítico temporal |